

PÁTRIA AMADA, BRASIL!

Laurindo Ferreira



Entre a realização de duas copas do mundo de futebol decorrem quatro anos. Muito tempo? Talvez. Na realidade, do início da copa da Alemanha (09.06.2006) para o da África do Sul (11.06.2010) intercalaram-se, ao todo, 1.463 dias, e já estamos vivenciando fortes emoções, à feição do patriotismo e do sentimento que nos enseja o futebol, esporte que mexe, sobremodo, com a alma brasileira.

Durante o torneio da copa do mundo, nada mais emocionante do que, antes de cada partida de nossa seleção, ouvir-se a execução do Hino Nacional Brasileiro, segundo os entendidos, ao lado da Marselhesa, com o seu "Allons enfants de la Patrie/ Le jour de gloire est arrivé ...", possuem letras e músicas dentre as mais qualificadas do gênero.

Nessa hora, o Brasil inteiro, inteirinho, ricos e pobres, jovens e não-jovens, carentes e abastados, sem teto e sem terra, inclusive marginais, corruptos e corruptores, todos juntos, no mesmo minuto, entoamos o Ouviram do Ipiranga, numa demonstração de amor à pátria amada, idolatrada, Brasil, pelo menos, na busca do hexa, momento em que resplandece em nosso peito e em nossa face, mais uma vez, o raio fúlgido de nossa supremacia no futebol.

E você, caro leitor, conhece inteiramente a letra do Hino Nacional, para cantá-lo com segurança? O companheiro toparia um desafio? Cantar direitinho e dizer o significado de certas palavras do Ouviram do Ipiranga, não muito usadas em nosso português cotidiano, como, por exemplo, "plácidas, brado, fúlgidos, penhor, idolatrada, vívido, límpido, Cruzeiro, resplandece, impávido, colosso, espelha, fulguras, florão, garrida, seio, lábaro, verde-louro, flâmula, clava".

E então, o amigo topa o teste?! Se aceita, alinhamos adiante, a título de ajuda, os significados desses verbetes, pinçados de meu Aurélio.

Ei-los: 1) plácidas - calmas, serenas, tranquilas; 2) brado - grito; 3) fúlgidos - brilhantes, luminosos; 4) penhor - prova, garantia; 5) idolatrada - muito amada, venerada; 6) vívido - intenso, forte, que tem vivacidade; 7) límpido - transparente, nítido, claro, puro; 8) cruzeiro - constelação do cruzeiro do sul; 9) resplandece - brilha; 10) impávido - destemido, sem medo; 11) colosso - estátua descomunal, gigante; 12) espelha - reflete, retrata, deixar ver; 13) fulguras - cintilas, brilhantes; 14) florão - ornamento de ouro e/ou pedras; 15) garrida - elegante, vistosa, graciosa; 16) seio - alma, interior, coração; 17) lábaro - bandeira, bandeira nacional; 18) verde-louro - verde-amarelado; 19) flâmula - bandeira; 20) clava - arma forte, porrete, jucá.

Pois é, se o colega não precisou de uma mãozinha, você está de parabéns!

A CIÊNCIA ECONÔMICA E O FATO ECONÔMICO

Pádua Ramos, administrador

Sabe-se que as ciências alimentam-se principalmente da contemplação dos fatos, quando repetitivos e universais. O fenômeno mais singelamente perecido é o da gramática, nascida da observação dos acontecimentos do linguajar do povo, sempre que insistentemente reproduzidos. Em suma: o fato nasce primeiro; e a ciência, depois. Assim, as ciências têm seu tanto de conservadoras: eis que andam sempre atrasadas e os fatos estão sempre na dianteira.

A economia não é exceção. Estas considerações vêm a propósito do alerta feito enfática e monotonamente por alguns economistas, preocupados com a pequena margem de recursos do tesouro nacional - na verdade, residuais - para investimentos, dado que as receitas públicas são absorvidas preponderantemente por gastos correntes. Por isso, aqueles economistas são contra qualquer vantagem de que se cogite em favor dos funcionários públicos, com ênfase quanto aos aposentados.

Veja-se, porém, o que registra a revista EXAME (órgão expressivo do que pensam as elites empresariais paulistas), após combinar dados da consultoria Deloitte, com os da agência de classificação de riscos Standard & Poor's e com os da consultoria LCA: (...) "Hoje, o Brasil é o décimo no ranking de investimentos totais, aí computadas não apenas as obras de infraestrutura mas também a área industrial e a construção civil." E, pouco adiante: (...) "o investimento passará dos atuais 261 bilhões de dólares para 1 trilhão em 2020. O país poderá ser, então, o quarto maior canteiro de obras do mundo - em linha com a perspectiva de quinta potência mundial." (EXAME - edição no 966, no 7, de 21/4/2010, ps. 27 e 28).

A dinâmica do cenário econômico brasileiro, portanto, não vem sendo percebida pela observação de alguns economistas. Os que mais aparecem. Os que, na academia, foram alunos aplicados. Restritos, porém, ao que aprendiam nos livros-textos: daqui > para cá <. Sem subirem ao alto da colina, de onde pudessem enxergar melhor a paisagem social e econômica, em particular, do Brasil, dentro da paisagem social e econômica maior, do mundo. Sem transcenderem. Justamente estes, os quais, por conservadores, são paradoxalmente os que - apóstolos da livre empresa - nem por isso estão identificando nela hoje a grande parceira da ação governamental.

Pai: perdoa-lhes; eles não sabem o que escrevem.

CORAÇÃO DE MÃE

(Em homenagem a todas as mães)

No sopro da vida no teu ventre ainda,
Ali cresce o filho que hás de tanto amar.
Ansiosa a grande mãe fica à espera!
Sonhando tê-lo ao braço. Ouvi-lo chorar.
Pensa em protegê-lo com carinho e jeito.
Não vê chegar o dia de levá-lo ao peito
E, na primeira mama, o acalantar...

Mãe, palavra simples que enobrece tanto,
És meu tesouro, ó minha mãe querida,
Como é doce pronunciar-te o nome...
Serás pra sempre minha grande ermida:
Maior razão de minha existência!
Criatura santa - Cheia de clemência,
Forte pedestal que me anima a vida...

Ai, se eu pudesse construir-te um trono,
Num reluzente altar de pedra e granito;
Com esmeraldas, rubis e diamantes
E pérolas finas da cor do infinito,
Num alabastro com ouro e platina,
Iluminado com cristais de luz tão fina,
Seria pouco para o teu coração bendito...

Que saúde e paz de ti não se apartem
E vivas sempre para me aconselhar!
Pujante e forte como a rocha viva!
Nunca me falte o teu meigo olhar.
Sempre com Deus no coração por certo.
A toda hora de ti quero estar perto
E teu carinho não há de me faltar...

Cláudio do Patrocínio Pereira

EXEMPLO DE SOBREVIVÊNCIA

Há mais de dois meses, quando me desloco para o supermercado, ainda próximo de casa encontro um pequenino mamoeiro, sobrevivendo diante de tantos obstáculos da natureza.

Não nasceu em terreno fértil, em condições de se expandir e dar os seus frutos. Surgiu rompendo cimento e cal de prédio de rua vizinha, teimoso, querendo sobreviver.

Humilde, vem crescendo na parede, sem causar transtornos aos passantes da calçada, dando exemplo de civilidade àqueles que invadem muitas vezes o local com seus carrões.

No final da semana lá passamos e lá permanecia com as duas raízes bem fincadas. Algumas folhas amarelas começam a despontar em sinal de prematura velhice. As últimas chuvas em Fortaleza certamente lhe concederão mais dias de sobrevida.

Ceguei até pensar em transplantá-lo para meu quintal, numa operação de alto risco, mas não o fiz.

Ao partir, deixará um exemplo de sobrevivência.

Airton Fontenele



mas profunda do analfabetismo e a propagação de suas consequências.

E não é privilégio desses locais com problema físico-estrutural e de docência, pois a falta de escola está também em vilas, cidades pequenas, médias e grandes, sem citar a área rural, onde os que não leem nem escrevem chegam a 26%. A propósito, Clovis Caldeira, em sua obra "Menores no Meio Rural", adverte: "... a escolaridade de menores ainda apresenta problemas nesses municípios..." E isso faz muito tempo!

Pontos de escolarização acaso existentes estão a cargo de pessoas abnegadas, no geral mulheres, prestadoras do mais nobre dos serviços de ensinação a crianças, adolescentes e adultos carentes dos primeiros raios do saber.

Mesmo disseminando conhecimentos com deficiência a vícios de linguagem aos discentes, pois também não receberam educação de qualidade, louva-se a boa vontade e o espírito colaborativo dessas modestas professoras.

A instituição de programa de formação de professor, em cidades-polo, de certo o traria de volta ao domicílio com melhores condições de ensinar pessoas necessitadas de conhecimentos, para não serem parte da humilhante estatística do analfabetismo.

Quem sabe, a situação brasileira seria outra, no respeitante ao crescimento cultural e desenvolvimento socioeconômico, se cada governo, no mandato de quatro anos, elegeisse, por exemplo, três de doze frentes de atuação, começando pela educação, saúde e segurança, e nas quais investisse maiores recursos, sem prejuízo das nove áreas sobranes; o governante seguinte daria preferência a três outros campos de ação executiva e, observada a mesma regra, no final de 16 anos - no modelo aqui desenhado - seriam colhidos bons resultados.

Educação

Nos mais longínquos lugares, mesmo com habitantes, não é de crer-se a existência de unidade de ensino patroneado pelo governo, aqui em sua generalidade, residindo aí a raiz

Educação, a modeladora do comportamento do homem, é mola do tratamento urbano, ético e respeitoso, além de suporte ao atingimento de melhor saúde e segurança, para ficar só nesses benefícios.

Há, assim, necessidade de revolução no ensino fundamental. A criança precisa de formação baseada na honestidade, ética, amor a si próprio, à Pátria, zelo pelo bens público e particular, respeito aos mais velhos, aos necessitados, porquanto no sistema atual, o seu tio não tem mais conserto.

A falta de vaga escolar na rede pública é gritante, sendo urgente, para reverter o quadro estatístico do analfabetismo no País, a instalação de mais e mais escolas no território brasileiro, todas com estrutura para pronto funcionamento.

A educação pode contribuir, igualmente, para evitar o êxodo rural, despertar maior apego ao local de origem, crescimento da produção agropecuária; evitar, em consequência, a formação de guetos nas cidades.

Como fazê-lo? Dividir o estado em regiões e dotá-las de assistência médica, odontológica, creditícia, religiosa e escolar, incluindo-se, indispensavelmente, a formação agrônoma, sem esquecer, porém, o entretenimento.

Por tradição, o rurícola planeja família numerosa, tendo nos varões a certeza de mão-de-obra para as lides do campo. Essa força laborativa não seria descartada pela freqüência escolar dos filhos, pois, necessariamente, as aulas seriam ministradas no turno da noite.

A educação, aqui com alcance ao social e à saúde, é paciente em UTI. O universitário não intui a necessidade de prestar seus serviços profissionais fora do domicílio, deixando assim de assistir aos mais necessitados.

À carência desse gesto humanitário e altruístico, o governo deveria incentivar os universitários recém-formados a exercerem suas atividades em diferentes locais, com vantagens asseguradas: moradia, saúde, segurança, boa remuneração, seguro, entre outras possíveis, acaso necessárias à manutenção deles fora do domicílio de origem.

Utopia: "país ideal em que tudo estaria organizado da melhor forma para a felicidade completa da população".

Waldir Freitas

Expediente

Diretor responsável: Waldir Faria Freitas - Grupo Literário: Laurindo Ferreira, Luiz Mendes Filho, Francisco Alves de Alencar, José Alberto de Souza, Pedro Hudson de Paiva Silveira, Syllas Brasil Cordeiro e Waldir Faria Freitas - Colaboradores: Associados da AABNB

ESPIRITUALIDADE: COMO ESSA PALAVRA "ACONTECE" NA SUA CASA?

Temos tendência a relacionar o termo "espiritualidade" com religião, porém, segundo o professor e filósofo Mário Sérgio Cortella, um conceito bem aplicado seria: "É tudo aquilo que torna a vida engraçada", engraçado, no sentido de estar associado a "render graças" e, por isso, a espiritualidade, para ele, é o que enche a vida de graça.

Nos últimos dez anos, o termo espiritualidade se dissociou da palavra religiosidade, e agora não está mais obrigatoriamente ligado à religião. Assim, somente o fato de seguir alguma crença, não irá definir que você é uma pessoa espiritualizada, mas, sobretudo, as suas ações e seus pensamentos. Por isso, tenha e pratique boas palavras, boas atitudes e bons pensamentos. Seja solidário com um amigo que precisa de sua ajuda. Agradeça as suas refeições e mesmo, o dia que você teve hoje. Seja educado e atencioso com as pessoas, mesmo as desconhecidas. Ensine seu filho a não maltratar os animais e nem jogar lixo no chão, ensine-o que é preciso respeitar os idosos e mostrar gratidão pelas coisas que temos. Praticar a espiritualidade pode ser bem mais simples do que se imagina. Quem poderia supor que ações tão simples como respeitar o próximo seria praticar a espiritualidade?

Como pais, temos a responsabilidade de estimular a espiritualidade em nossos filhos e uma forma de estimulá-la é criar filhos abertos ao diálogo - para que eles respeitem o outro e não façam com o outro, o que não gostariam que fizessem com eles mesmos. Aqui, o respeito ao outro deve ser entendido em todo o seu valor moral.

O filósofo Mário Sérgio Cortella defende a substituição da palavra "tolerância", muito em voga nos dias de hoje. Para ele não devemos tolerar o outro, mas, sobretudo, acolhê-lo, "A palavra 'tolerância' produz quase um sequestro semântico, pois quando alguém a usa está querendo dizer que suporta o outro". O que o filósofo Cortella propõe é o uso de outra palavra: acolhimento. Assim, em vez de perceber

o outro como um estranho, eu o recebo na qualidade de alguém como eu, sem julgamentos.

Praticar espiritualidade requer dedicação. É preciso paciência naquele dia que o trânsito fez você se atrasar para pegar seu filho na escola e ainda quase perder a consulta dele no pediatra, enquanto ele insiste em observar as formigas caminhando na calçada. Ele está puxando você para a espiritualidade, mas as coisas que nos "desgraçam", ou seja, "que nos tiram a graça" - ainda usando as definições do professor Cortella - estão aí a todo o momento. É hora de buscar alternativas. Não podemos aceitar que a vida se resume a conseguir sobreviver a um dia de cão. Temos que querer mais para nós e nossa família. E isso não necessariamente é conseguir fazer a tão sonhada viagem em família para Fernando de Noronha. Pode estar naquela gargalhada depois de um banho de chuva inesperado, no sorriso do seu filho depois de seu aperto gostoso na barriga dele ou naquela história que ele vai contar quando chegar da escola.

A criança precisa enxergar a vida com significado e aprender que o que ela faz influencia o outro, seja a família, os amigos, o cachorro, a violeta na sala que ela já aprendeu a não mais arrancar as florzinhas. É preciso que aprenda que nossas atitudes têm consequências e está em nossas mãos dar um rumo a elas. É o mesmo caminho da felicidade, não?

Por fim, o ato de ensinar e praticar a espiritualidade é uma valiosa contribuição para as crianças e, conseqüentemente, para a sociedade que terá mais na frente, um adulto capaz de se relacionar com outras pessoas de maneira respeitosa, cuidadosa e, sobretudo, prazerosa para ambos. Adultos que valorizarão as pequenas coisas da vida, coisas que muitas vezes estão mais ligadas ao "ser" do que ao "ter".

Texto adaptado da Revista Crescer nº 193 de dezembro de 2009. p. 52 a 58.

Por Andreza Areta Kis, psicóloga da Organização Educacional Farias Brito.

FAÇA DE TODOS OS DIAS "O DIA DOS PAIS" E "O DIA DAS MÃES"

Sinceramente na minha concepção (arcaica?) o dia dos pais, das mães.... São todos os dias na convivência mútua de carinhos, afetos, dedicação e amor fraternal.

Nos dias figurativos - as datas comemorativas - "filhos ausentes" e com pais presentes, compram-lhes presentes caros e sofisticados. Mas o melhor presente que o pai, a mãe pode receber não é palpável e não está a venda em qualquer espaço comercial. O maior presente é o abraço, o beijo e o amor. Existe algo mais precioso ao ser humano que se sentir amado?

Você que tem seu pai com vida não imagine que seu dia é apenas no segundo domingo de agosto. Esta é a data comercial, criada para simbolizar o aumento nas vendas.

Faça do dia a dia o "dia dos pais". Se seu pai for jovem, sadio, corre, pratica esportes radicais ou se for idoso e já caminha com dificuldade ou talvez não caminhe mais, lembre-se de que ele também foi um leão a defendê-lo. Foi ele que pacientemente teve por noites seguidas o sono interrompido para lhe acudir quando a dor o fazia chorar quase gritando. Foi ele que, nas noites frias e chuvosas, saía em busca do médico ou do remédio para curar sua dor. E foi ele que riu quando pela primeira vez o ouviu dizer: P-A-P-A-I.

Se você é um moço forte, robusto com saúde de leão não o chame de velho só porque ele está frágil, com cabelos rala e embranquecida. Foi ele que lhe ensinou os primeiros passos, segurando com vigor, mas de forma delicada, em suas pequenas mãos.

"Se seu pai não fala corretamente o português", não o repreenda ou se envergonhe diante dos amigos ou da namorada pelo seu jeito de falar. Foi ele, seu pai "que enfrentou todos os sacrifícios para que você pudesse estudar e cursar uma faculdade".

Ame seu pai enquanto ele está aqui no seu convívio.

O meu pai continuo a amá-lo. Mas, se hoje o desejar ver, terei que ir visitar sua tumba que mandei construir em sua homenagem. Mas, mesmo ausente de forma corpórea, posso sentir sua presença em mim, pelo amor que lhe dedicava.

Meu pai é Raimundo Gomes Pereira um dos "Navarrenses Ilustres" no livro de autoria de Severino Fernandes Guerra, publicado em 1986.

Luiz Carlos da Silva Gomes
Sousa - Paraíba.

O Valioso Tempo

Contei meus anos e descobri que terei menos tempo para viver daqui para frente do que já vivi até agora.

Tenho muito mais passado do que futuro.

Sinto-me como aquele menino que ganhou uma bacia de jabuticabas.

As primeiras, ele chupou displicente, mas percebendo que faltavam poucas, rói o caroço.

Já não tenho tempo para lidar com mediocridades.

Não quero estar em reuniões onde desfilam egos inflamados.

Inquieto-me com invejosos tentando destruir quem eles admiram, cobiçando seus

lugares, talentos e sorte.

Já não tenho tempo para conversas intermináveis, para discutir assuntos inúteis sobre vidas alheias que nem fazem parte da minha.

Já não tenho tempo para administrar melindres de pessoas que, apesar da idade cronológica, são imaturas.

Detesto fazer acareação de desafetos que brigam pelo majestoso cargo de secretário geral do coral.

As pessoas não debatem conteúdos, apenas os rótulos.

Meu tempo tornou-se escasso para

debater rótulos, quero essência, minha alma tem pressa...

Sem muitas jabuticabas na bacia quero viver ao lado de gente humana, muito humana, que sabe rir de seus tropeços, não se encanta com triunfos, não se considera eleita antes da hora, não foge de sua mortalidade...

Só há que caminhar perto de coisas e pessoas de verdade.

O essencial faz a vida valer a pena. E para mim, basta o essencial!

Mário de Andrade

A pedido de José Alberto de Souza

O BOLSA FAMÍLIA

Oswaldo Ventura (*)

A caridade surgiu como uma virtude teológica nos primórdios do cristianismo. Esse valor moral se tornou prática constante no cotidiano de religiosos, graças às indulgências prometidas pela Igreja Católica para a remissão de pecados. O aspecto utilitário e compensatório do exercício da caridade, entretanto, não invalidava o ato caridoso em si mesmo, principalmente para quem estava necessitando de uma ação humanitária capaz de minorar seus sofrimentos. Praticar a caridade de maneira sistemática conduziu alguns à canonização na religião pregada por Roma, e mais tarde se transformou em profissão de fé entre os adeptos do espiritismo, os quais começaram a professar que a purificação do espírito pode ser conseguida ao se exercer a caridade.

A partir de gestos caritativos individuais, surge a necessidade de reunir em uma instituição os protagonistas desses atos de benevolência para melhor atender o crescente aumento dos miseráveis em todos os níveis. À medida que a civilização avançava em produção de riquezas, aumentava a quantidade de carentes no mundo todo, como resultado direto do liberalismo político-econômico e a conseqüente acumulação de bens nas mãos de poucos.

Por isso, nas mais variadas partes do planeta, a instituição Estado passou por ameaças diante da avalanche de deserdados da sorte em lutas abertas pelo simples direito de subsistir. Desse conflito, emergiu, então, um Estado caritativo, que não resolvia o problema básico, mas sufocava as tensões explosíveis com migalhas caídas dos banquetes palacianos. Tempos depois, nasce o Estado do Bem-Estar-Social, (Welfare State) deixando pouco espaço ao exercício da caridade, cabendo ao próprio Estado o dever de promover as condições para uma vida digna de seus concidadãos, e ao cidadão o direito de exigir mais e melhores oportunidades para uma existência dignificante.

Na busca de soluções contra as crises cíclicas do capitalismo, ressurgiu o liberalismo montado no capital financeiro, mais devastador, mais deletério, devorando as estruturas de cunho social e apavorando o mundo com seu lema maldito: "Salve-se quem puder". Instituído o neoliberalismo, a miséria aumentou, a pobreza estratificou-se e as pessoas foram atiradas à própria sorte, depois do proposital e maléfico encolhimento do Estado. Então, houve necessidade de se recorrer às denominadas políticas compensatórias, uma forma de caridade oficial de roupagem nova, com a finalidade única de evitar convulsões sociais de dimensões imprevisíveis, decorrentes da exacerbada concentração de renda provocada pelo flagelo da doutrina neoliberal. O Brasil, país dependente, endividado e invadido pelas corporações multinacionais, não tinha como se livrar dessa nefasta diretriz do chama-do Consenso de Washington. Assim, como irmãos siameses, desembarcaram em nossa pátria o neoliberalismo junto com as políticas compensatórias ditadas pelos organismos financeiros multilaterais. Essas políticas compensatórias, bem como a simples caridade, não teriam razão de existir se a riqueza produzida em qualquer parte da Terra fosse distribuída de forma equânime com quem a produziu. Lamentavelmente, o atual estágio da humanidade ainda não comporta tal práxis. Enquanto isso, em nosso país, o programa Bolsa Família, que um dia foi Bolsa Escola, já penetrou, literalmente, nas entranhas do brasileiro pobre, não mais como política de governo, mas agora na condição de política de Estado, que se espera transitória. Como temos uma das maiores concentrações de renda do planeta, a porta de entrada do Bolsa Família continua generosamente alargada para o ingresso de nossos excluídos; urge encontrar a estreita porta de saída para os futuros ex-miseráveis.

Aqui no Brasil, acusar qualquer governo pela existência dessa "caridade oficial", chamada por muitos de esmola, revela desinformação, ingenuidade ou má-fé. Desgraçadamente, ela faz parte do desastroso projeto neoliberal, que não contempla uma efetiva distribuição de renda entre os mais necessitados.

Resta-nos o consolo de saber que o Brasil foi o primeiro país no mundo a aplicar essas políticas acompanhadas de certas condicionalidades (orientação nutricional de gestantes e crianças, vacinação periódica, exigência da frequência escolar dos beneficiados, etc.), transformando, assim, o caráter meramente compensatório da "caridade oficial" em políticas promocionais da cidadania. Hoje, o Bolsa Família não se destina apenas a mitigar a fome de milhões de brasileiros, mas também a lhes ensinar o caminho que conduz à dignidade da vida.

(*) Advogado e escritor

Membro da Academia Feirense de Letras

SORRIA ...

FASES DA VIDA

Deus criou o burro: - Obedecerás ao homem, carregará fardos pesados nas costas e viverás 30 anos. Serás burro. O burro virou-se para Deus e disse: - Senhor, ser burro, obedecer ao homem, carregar fardos nas costas e viver 30 anos? É muito, Senhor! Bastam-me apenas 10.

Deus criou o cachorro e disse: - Comerás o osso que te jogarem ao chão, tomarás conta da casa do homem e viverás 20 anos. Serás cachorro. O cachorro virou-se para Deus e disse: - Senhor, tomar conta da casa do homem, comer o que me jogarem ao chão e viver 20 anos? É muito. Senhor! Bastam-me 10.

Deus criou o macaco e disse: - Pularás de galho em galho, farás macaquices e viverás 30 anos. Serás macaco. O macaco virou-se para Deus e disse: - Senhor, pular de galho em galho, fazer macaquices e viver 30 anos? É muito. Senhor! Bastam-me 20.

E Deus fez o homem e disse: - Serás o rei dos animais, dominarás o mundo, serás inteligente e viverás 30 anos. O homem virou-se para Deus: - Senhor, ser rei dos animais, dominar o mundo, ser inteligente e viver 30 anos? É muito pouco, Senhor! 20 anos que o burro não quis, 10 anos que o cachorro recusou e 10 anos que o macaco não está querendo, dai a mim, Senhor, para que eu viva 70 anos...

E Deus o atendeu. Até 30 anos o homem vive a vida que Deus lhe deu. É homem.

Dos 30 aos 50 anos, o homem casa e carrega os fardos nas costas para sustentar a família. É burro.

Dos 50 aos 60 anos, já cansado, ele passa a tomar conta da casa. É cachorro.

Dos 60 aos 70 anos, mais cansado ainda, ele passa a viver aqui e ali, na casa de um filho ou de outro e faz gracinhas para as crianças rirem. É macaco.

Autor Desconhecido

A pedido de Nilo Tinoco Miranda

Tédio

Por Fernando da Ponte

Tudo no mundo passa. O amor é vão,
Vão o poder, vã a riqueza, a glória.
Tudo se esvai, qual a bolha de sabão,
Nesta vida prosaica e transitória.



No ocaso da existência, sem esperança,
O homem sente que inútil, a vida corre,
Do esforço de viver ele se cansa,
O tédio o oprime, e envelhece, e morre.

Só na velhice, a mente esclarecida
Vê que a meta real de nossa vida
É torná-la plena de benemerência.

Com esse ideal tão belo e transcendente,
Realiza-se a existência nobremente
E se conquista a paz da consciência.

(In memoriam)